

Crise afetou mais a classe alta

(Não Assinado)

Os brasileiros das classes A e B são os mais atingidos pela crise financeira global. Segundo um estudo divulgado nesta quarta-feira pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), desde o agravamento da turbulência econômica, em setembro de 2008, até dezembro, a ascensão social dessa camada da população caiu 0,65%.

O economista Marcelo Néri, que liderou o estudo Crônicas de uma Crise Anunciada: Choques Externos e a Nova Classe Média, explicou o recuo da parcela mais rica da população brasileira. "As pessoas com renda mais alta estão vinculadas aos canais de impacto da crise, como o setor exportador, financeiro e imobiliário. A boa notícia é que esses setores são menos importantes aqui do que em outros países, em termos de emprego e de indicadores de renda".

Em 2006 e 2007, as classes A e B haviam registrado um crescimento de 3% no mesmo período. Néri revelou que, em anos anteriores, a cada 100 integrantes das classes A e B, 20 ao ano migravam para classes inferiores. Atualmente, esse número cresceu para 25. "É aí que os sinais da crise são mais visíveis. Dessas 25 pessoas, quatro caíram diretamente para a classe E", disse o economista.

Os critérios da FGV definem as classes A e B como aquelas com renda superior a 4.592 reais por mês. A classe C tem uma renda entre 1.064 reais e 4.591 reais. O segmento D possui um rendimento entre 768 reais e 1.064 reais. As pessoas com renda abaixo de 768 reais são enquadradas na classe E.

Classe média – De acordo com o levantamento, a crise não afetou tanto a classe C, cujo movimento de ascensão não foi interrompido. A classe média emergente continua crescendo nas seis principais metrópoles do país (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). Em dezembro de 2008, essa parcela da população passou a representar 53,8% dos brasileiros, ante 51,8% registrados no mesmo período de 2007.